

**Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao
fracasso da instauração do circuito pulsional
Quando a alienação faz falta**

Tradução: *Cláudia Mascarenhas Fernandes Rohenkhol*

Primeira parte

*Sobre o papel do olhar do Outro na instauração da
imagem do corpo — a constituição do espaço imaginário.*

O não-olhar entre uma mãe e seu filho, e o fato que a mãe não possa se dar conta disso, constitui um dos principais sinais que permitem formular, durante os primeiros meses da vida, a hipótese de um *autismo* — estereotípias e automutilações aparecem somente no segundo ano de vida. Se esse não-olhar não desemboca, mais tarde, necessariamente numa síndrome autística caracterizada, assinala em todo caso uma grande dificuldade ao nível da relação especular com o Outro. Se não se intervém, essas são crianças nas quais o estádio do espelho não se constituirá convenientemente.

Sabemos pelas pesquisas internacionais¹ publicadas, e através de nossos próprios casos clínicos, que existem bebês que, sendo criados pelas mães e não tendo nenhum distúrbio orgânico, apresentam um quadro de carência materna parecido com o de

hospitalismo. Mas eles apresentam certos traços suplementares característicos: não somente não olham sua mãe, como também não sorriem e nem vocalizam para ela e nunca a chamam em caso de aflição; esses bebês, face a um estímulo, caem às vezes em aflição cataclísmica, como se eles se partissem em pedaços. Parece que ao nível da imagem originária (*Ur - Bild*) de seu corpo como unidade, têm grandes dificuldades em administrar a excitação, a não ser pelo seu evitamento radical.

Proponho falar de *hospitalismo em casa* para descrever uma situação onde a mãe estando fisicamente no mesmo espaço que a criança, e executando os gestos que convém para responder às necessidades desta, não pode *olhá-la*. Trata-se aqui de distinguir a questão do olhar e a da visão. Sabemos que os bebês cegos respondem ao olhar de suas mães: sorriem tocando seu rosto, voltam-se escutando sua voz.

Na metapsicologia lacaniana, me parece, tem-se como responder as questões colocadas por essa clínica de uma não instauração da relação especular. É preciso para isso começar a se referir ao *esquema óptico*, no que ele dá conta da fase anterior (logicamente) ao estágio do espelho, fase que supõe a presença do Outro real (papel normalmente sustentado pela mãe).

Trata-se aqui do olhar no sentido da presença; o olho sendo o signo de um investimento libidinal, muito mais que o órgão suporte da visão. Mas esta experiência da presença pode também se manifestar por um barulho, uma voz. Isso permite definir a *ausência* enquanto concretização particular da *presença*. A ausência supõe uma presença original reenviando ao ser olhado e ao ser que olha, o eu e o corpo tendendo então a se definirem como efeitos do olhar.

Esses casos clínicos onde nos achamos confrontados com uma não-instauração da relação especular permitem, me parece, colocar em evidência patologias que traduzem certamente uma não-instauração da relação simbólica fundamental — a presença/ausência materna — mas não por falha do tempo de ausência

CIRCUITO PULSIONAL

(como é freqüente na clínica de outros estados psicóticos), mas sobretudo por uma *falha fundamental da própria presença original do Outro*, tendo como consequência a impossibilidade da instauração do tempo constitutivo do imaginário, e então do eu, através da relação especular com o Outro.²

Vamos retomar o esquema óptico, para nos aproximarmos mais desse tempo lógico anterior ao tempo especular. Me parece tratar-se da instauração do narcisismo primário, e é nesses termos que Lacan a ele se refere no seu Seminário 1. Mas é em 1962 no seu Seminário *A Angústia*, que ele vai dar à constituição da imagem corporal originária — que ele nomeia *Ur-Bild da imagem especular* — seu amplo desenvolvimento.

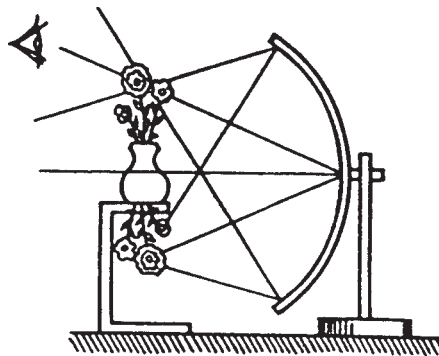


Fig. nº 1

Lembremos sua feliz descoberta de um modelo que permite metaforizar a instauração primeira da estrutura do aparelho psíquico, instauração que vai justamente permitir que se constitua a imagem do corpo: é a pequena experiência óptica de Bouasse (que suponho aqui conhecida) que une um *objeto real* — o qual representará para nós o real do bebê, digamos o orgânico para simplificar — a qualquer coisa que parece muito bem fazer. Um com este objeto real e que é uma imagem. É a *imagem real*, no caso o buquê de flores, que mesmo não estando aí, organicamente, aparece no próprio gargalo do vaso.

Qualquer um, um sujeito cujo olho esteja convenientemente situado num cone, a uma certa distância do conjunto formado por esse objeto real e essa imagem real, vai perceber os dois como se estivessem formando um todo, uma unidade. Lembremos aqui que, num tal dispositivo, o sujeito do olhar não pode ser a própria criança — aqui metaforizada pelo vaso com flores — mas necessariamente um outro. Para que o *infans* possa se ver, ele próprio, Lacan propõe algumas modificações nesse esquema inicial, e aí introduz especialmente um espelho plano, ilustrando então o estágio do espelho: esse momento onde o sujeito, ainda *infans*, vai se reconhecer jubilarmente na imagem que lhe é proposta. Esse espelho, Lacan o situará no lugar do Outro.³

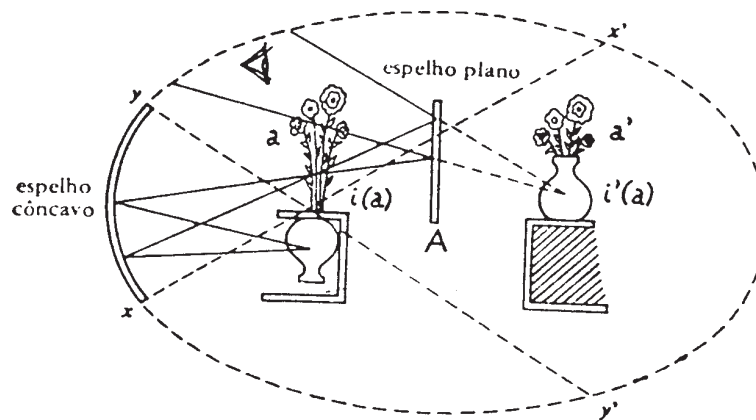


Fig. nº 2

No espaço virtual que se acha além do espelho plano, vai se constituir a *imagem especular*, $i'(a)$, onde o sujeito poderá se reconhecer como *eu*. Trata-se provavelmente do lugar do narcisismo secundário, mas é sobretudo em termos de constituição do *eu ideal* que Lacan vai abordá-lo.

Por outro lado, é do lado esquerdo do esquema (figura nº 2) correspondente ao esquema de Bouasse propriamente dito (figura

CIRCUITO PULSIONAL

nº 1) , que se encontra o conjunto constituído pelo *objeto real* fazendo UM com a *imagem real* (“pequenos *a*” que constituem a reserva de libido), que vai se presentificar a constituição do *Ur-Ich* no que será o corpo próprio, o *Ur-Bild* da imagem especular.

Tudo isso é muito facilmente encontrado numa leitura um pouco mais atenta dos textos citados. Porém, para tentar conceitualizar uma metapsicologia que daria conta de certos fracassos da primeira estrutura do aparelho psíquico, proponho tentar um desdobramento de alguns pressupostos que me parecem implícitos nos próprios avanços de Lacan.

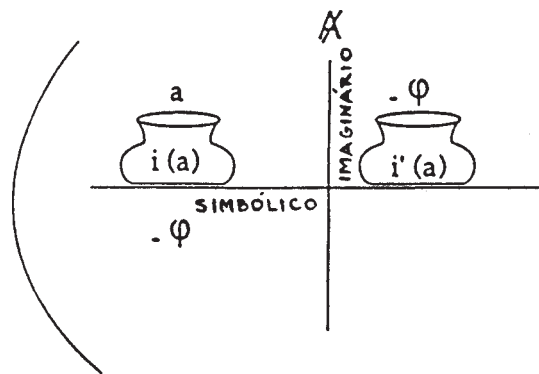
Nós todos sabemos a importância que Lacan dá a esse tempo particular de reconhecimento pelo Outro da imagem especular; esse momento onde a criança se vira para o adulto que o carrega, que o segura, e onde ela lhe demanda por esse olhar confirmar o que ela percebe no espelho como assunção de uma imagem de domínio ainda não adquirido. Será admissível pensar que haveria, não um reconhecimento, mas dois, e que este que acabamos de falar seria possível somente em função de um reconhecimento original?

Minha hipótese consiste na necessidade de um primeiro reconhecimento, este não-demandado, mas que fundaria a própria possibilidade da imagem do corpo, ou seja, o *Ur-Bild* da imagem especular⁴, e que poderia se formar somente no olhar do Outro. Isso me parece corresponder a uma *incorporação*, quer dizer, uma tomada dos pequenos *a* na borda do *corpo real*. Esta *Ur-Bild* da imagem assim constituída abriria a possibilidade da instauração da imagem especular propriamente dita.

Poderíamos então deduzir que a impossibilidade de uma instauração apropriada do estágio do espelho em uma criança, consiste na não-assunção jubilatória diante de sua própria imagem, ou na não-demanda de reconhecimento (por exemplo, nessas crianças que evitam virar a cabeça para o adulto que as carrega), poderia ser o efeito de uma falha deste reconhecimento primeiro? Uma tal falha poderia desde então dar conta deste *evitamento* que lembra uma forclusão, uma supressão dos signos perceptivos

do que poderia se fazer *olhar* da mãe, no sentido da sua *presença*; de seu investimento libidinal?

Chegando a este ponto, é preciso colocar uma outra questão: de onde se origina a imagem real? Para responder à isso, me parece que poderíamos partir da retomada, modificada, que Lacan faz desse mesmo esquema óptico no seu Seminário 10, *A Angústia*, precisamente na aula de 28 de novembro de 1962.



Notamos de saída uma diferença fundamental com o esquema de Bouasse: a *imagem real* que aparece em baixo do vaso (*objeto real*) não é mais pura cópia de um objeto escondido, como era no caso do buquê de flores, mas *o efeito de uma falta* que Lacan vai escrever “menos fi”(-φ).

A partir do que eu posso entender, através da minha prática clínica, aqui está a leitura que proponho deste gráfico: este que sustenta o lugar de Outro primordial vai dar sua falta (-φ). Dizer isso, que esse Outro dá sua falta, permite escrever \bar{A} (*A barrado*). Deixemos de lado a questão de saber se o lugar desse Outro primordial é sustentado pela mãe ou pelo pai. Em todo caso, eis esse Outro, marcado pela barra da falta, que vai dar — como o apaixonado — o que não tem. É esta operação de doação que permite ver surgir a criança aureolada de objetos *a*, o que poderia se descrever como sendo a *falicização* da criança, e que me

CIRCUITO PULSIONAL

parece corresponder em Freud, à própria noção de investimento libidinal.⁵

Atrás do espelho plano, no campo imaginário, não vemos mais surgir a *imagem virtual* do conjunto do que se tinha podido constituir (à esquerda). Os pequenos *a* não são especularizáveis — o que Lacan nomeia a não-especularização do falo, que volta na imagem virtual como uma falta (-φ). Observamos que *esta falicização da criança se situa somente no olhar do Outro*, e aqui o A maiúsculo se impõe clinicamente, pois na sua relação à sua imagem, ao outro seu semelhante, o sujeito só pode se ver como marcado pela falta. O que Freud diz em seu capítulo sobre o estado amoroso, na *Psicologia das massas e Análise do eu*, é que o fato de colocar o amado no lugar de Ideal não deixa o amante menos faltante, mas “*mais e mais modesto*”. Aliás, para poder ser colocada no lugar de Ideal aos olhos de sua mãe, a criança já deve se situar para ela como objeto perdido.

O olhar justamente no que ele se opõe à visão, avista não o que está aí, mas um vir a ser, um advir — o que nos leva à noção de “*ilusão antecipadora*”. A *imagem real* formada pelo conjunto dos *a*, que correspondem à falicização da criança, seria então comparável ao que Freud (1914) propõe em seu texto *Introdução ao Narcisismo* quando ele fala da necessidade de que a criança venha ocupar o lugar de “*His Majesty the baby*”.

Isso me parece possível somente se, para a mãe, a criança se situa no lugar de Ideal. Mas isto leva à dizer que o dom que a mãe faz ao filho, do que lhe falta, tem uma relação direta com o que constitui para ela *o pai*. Seria então cabível perguntar se esta imagem do corpo, assim constituída pela in-corporação de algo do pai, corresponde à identificação primeira ao pai, por incorporação, de que Freud (1921) fala no início de seu capítulo sobre a Identificação, no texto *Psicologia das massas e Análise do eu*. Sabemos que esta identificação primeira por incorporação é anterior a toda identificação do tipo *traço unário*. Só então as palavras proferidas, designando a criança no lugar de Ideal e permitindo sua identificação ao traço unário, poderiam tornar-se audíveis.⁶

No seu *Seminário 10, A Angústia*, Lacan (1963) falou de uma clínica do fracasso da instauração da relação especular. Trata-se de mães para quem a criança em seu ventre era somente um corpo diversamente cômodo ou incômodo; o que ele chama “*a subjetivação do a como puro real*”.

Eu diria que certos pais não se deixam enganar por nenhuma *imagem real*, e logo por nenhuma ilusão antecipadora: eles vêem o bebê real, tal qual, em seu desnudamento, e sua impossibilidade de antecipar torna impossível que qualquer coisa advenha. A ausência desta *imagem real* deixa a criança sem *imagem do corpo*, tornando problemática sua vivência de *unidade corporal*.

Esta ausência de imagem do corpo terá pelo menos uma outra conseqüência prejudicial: bloqueará a reversibilidade possível da libido do corpo próprio àquela do objeto. Dizendo de outro modo, os objetos *a* não se acharão colocados nesta borda do vaso que simboliza, para nós, o continente narcísico da libido. Isto torna, da mesma maneira, impossível a passagem entre *i (a)* e *i' (a)*, deixando como futuro para a libido da criança somente o ensimesmamento no corpo próprio das auto-mutilações.

Segunda parte

O fracasso da instauração do circuito pulsional Quando a alienação faz falta

Podemos diferenciar autismo e psicose?

Partiremos da distinção feita por Lacan, no seu *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de duas operações de causação do sujeito: a *alienação* e a *separação*. Abordaremos um ponto extremamente capital para diferenciar de um lado certas psicoses, como a paranóia, e de outro o autismo. Tentaremos mostrar, seguindo Colette Soler (1990), que o que fracassa na constituição do sujeito no autista, é o tempo da *alienação*, enquanto que no paranóico seria o da *separação*.

CIRCUITO PULSIONAL

Se, de fato, cada qual sabe reconhecer a dimensão imaginária da alienação na captura na imagem do semelhante no estádio do espelho, o que dizer quando uma criança aí não ascende, fica indiferente a esta imagem?

Sabemos também que para que o sujeito possa advir ao campo do Outro não existe outro meio senão passar pelos significantes que, no mesmo movimento, o alienam a este Outro. Mas o que dizer quando uma criança, ou se recusa, ou não ouve literalmente nada, caso freqüente nessa surdez aparente dos autistas, que é de fato uma desafereciação radical do pólo perceptivo?⁷

Na primeira parte deste texto, abordei a questão do olhar do Outro na constituição do eu, fundando a alienação na sua consistência imaginária. Eu gostaria de considerar agora o fracasso da instauração do tempo de alienação do ponto de vista do fracasso do circuito pulsional cujo remate dá uma consistência real à alienação.⁸

Um Caso clínico

Anaelle tem três anos quando a atendo pela primeira vez. Trarei aqui o fragmento de uma sessão, cinco meses depois do início do tratamento, em que até então não havia se inscrito muita coisa na relação.

Num dado momento desta sessão, escuto Anaelle proferir: “Bu !”. Como ela só muito raramente enuncia fonemas articulados, dou-lhe um objeto que me parece corresponder à direção do seu gesto. Se trata de uma baqueta em forma de S, de um tambor tibetano com a qual tentei, durante as sessões anteriores, entrar em contato com ela. O tambor de fato pertence a meu marido, e eu o tinha tomado emprestado.

Anaelle se deita de costas com o “bu” que olha, como se estivesse fora do mundo. Nada além a interessa, joga os outros objetos que estão próximos — livros, etc. — como se fossem

desinteressantes, *Unlust*. Evidente que o “bu” lhe é prazeroso, *Lust*.

Estamos diante do que os anglo-saxões chamam de “*objeto autístico*”. Este objeto que não é um, em todo caso no sentido do objeto da pulsão, foi extraído do mundo exterior, mas experimentou uma *incorporação* num *Lust Ich*, o que o destruiu enquanto objeto. Que o processo experimentado por este “objeto” seja uma incorporação, se confirma pelo fato que se lhe retiramos, a criança berra como se quisséssemos arrancar um pedaço do seu próprio corpo.

Olho Anaelle, falo com ela mas não só não me responde, como é perceptível que neste momento tudo está imobilizado para ela, num nível muito próximo da *homeostase*. Aí, frente a Anaelle, lembro de repente do que Lacan (1964) indica no seu *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, quando a propósito do papel do sistema homeostático e do *Lust Ich*, ele diz: “*neste nível*, não há traço de funções pulsionais (. . .) O nível do *Ich* é não-pulsional”. (p. 174; ed. bras.: p. 181)

Mas retornemos ao que se passa durante a sessão. Estou cheia de vê-la ensimesmada e faço inutilmente diversas tentativas para entrar em contato com ela. Termino então por perguntar se ela me dá o “bu”. Agarra-se nele, grita, acaba dizendo “*bu a*”. Minhas ofertas de jogos sobre a polissemia do beber⁹ são furiosamente rejeitadas, assim como todos os objetos que posso lhe propor. É bastante evidente que o “bu” é o *Lust*, prazeroso, enquanto que todo o resto é desprazeroso e rejeitado como estranho. Anaelle acaba indo perto da porta com o “bu”, depois ela vem junto mim, esforçando-se ostensivamente para quebrá-lo.

Tenho uma reação bastante inabitual: pois pela primeira vez neste tratamento proíbo alguma coisa: lhe tomo a baqueta das mãos, explicando-lhe que lastimo, mas que não posso autorizar isso. Eu me escuto lhe falando dos meus limites. É claro que o objeto substituto proposto, a chave da minha sala, foi jogada longe como *Fremde, Unlust*, estranho, desprazeroso. Durante este final de sessão, a vivência dolorosa é extrema: vivência de

CIRCUITO PULSIONAL

arrancamento, de mutilação — uma parte incorporada no seu *Ich* lhe sendo arrancada. Sua dor é visível, as lágrimas rolam de seus olhos. O lugar que ocupo então é totalmente insuportável e isso me faz decidir retrabalhar a teoria das pulsões, tal como Lacan a expõe nesse mesmo *Seminário 11*.

Ele efetua uma longa retomada do texto de Freud, *As pulsões e suas vicissitudes*. Trata-se de uma releitura da primeira teoria das pulsões à luz da segunda. Sabemos que, num primeiro tempo, Lacan começa por separar a pulsão da necessidade:

não se trata absolutamente, na *Trieb*, da pressão de uma necessidade, tal como o *Hunger*, a fome, ou o *Durst*, a sede. (op. cit. p.149 e seguintes; ed. bras.: p. 156)

Com efeito para examinar o que diz respeito à *Trieb*, refere-se Freud a algo cujo instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade? (...) É o vivo que é concernido aqui? Não.

Precisão essencial, pois freqüentemente nos é rebatido que se a criança autista se mantém em vida, é porque a pulsão funciona.

Constatamos que Lacan entende como *pulsão* somente as pulsões sexuais (parciais) e remete o que concerne à conservação do indivíduo — o que Freud chamou as *Ich Triebe*, as pulsões do eu — num registro diferente do pulsional.

Em Lacan, a pulsão não é mais um conceito limítrofe entre o biológico e o psíquico, porém um conceito que articula significante e corpo. O corpo não é o biológico, é, como vimos na primeira parte, uma construção que implica uma imagem totalizante i(a), na composição do qual o Outro como olhar tem um lugar fundamental.

Lacan sublinha que “o que caracteriza o *Drang*, o impulso da pulsão, é a constância mantida.” (p.156; ed. bras.: p. 162). Ele distingue satisfação de uma necessidade e satisfação pulsional:

A pulsão apreendendo seu objeto aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz (...) porque

nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão. (...) essa boca que se abre no registro da pulsão — não é pelo alimento que ela se satisfaz. (p. 153; ed. bras.: p. 159)

Quanto às zonas erógenas, elas não estão em qualquer parte do corpo, “mas só são reconhecidas nesses pontos que se diferenciam para nós pela sua estrutura de borda. Por que falamos da boca, e não do esôfago ou do estômago?” (p. 153; ed. bras.: p. 160). Isto reveste toda sua importância clínica, quando nos lembramos a que ponto, nas crianças autistas, essas zonas não fazem borda — os lábios que deixam escorrer a saliva, os esfíncteres que não o são... Estas não são zonas de investimento erógeno. Eu diria que é porque não se acham tomadas num circuito pulsional.

A satisfação da pulsão não é outra coisa que a execução de um trajeto em forma de circuito que vem se fechar sobre o ponto de partida. “(...) Freud nos apresenta como assentado (...) o caráter circular do percurso da pulsão.” (p. 162; ed. bras.: p.168)

Até aí, o que Lacan sublinha já se encontra, para um leitor atento, de modo mais ou menos implícito em Freud. Mas ele vai mais longe, forçando o texto freudiano num certo sentido que me parece extremamente valioso para pensar a clínica dos estados autísticos.

A noção de *surgimento de um novo sujeito* vem revolucionar a questão do sujeito — em todo o caso o primeiro tempo de sua construção, quer dizer o tempo dito da *alienação*. Por esta noção certamente Lacan opera um enodamento entre surgimento do sujeito e o remate do circuito pulsional.

Eu formulo que — e um exame pontual de todo o texto é o que pode por em prova a verdade do que avanço — é por aí [o remate do circuito pulsional] que o sujeito vem atingir aquilo que é, propriamente falando, a dimensão do grande Outro. (p.177; ed. bras.: p. 183)

CIRCUITO PULSIONAL

Temos aí um desenvolvimento que concerne um tema específico da obra de Lacan, o sujeito enquanto sujeito do inconsciente. O dito sujeito vem alcançar a dimensão do Outro pelo intermediário do remate da pulsão. E sabemos, por outro lado, que o sujeito do inconsciente se constitui no campo do Outro. Lacan articula pois, pela primeira vez na sua obra, me parece, o sujeito do inconsciente com o sujeito proveniente do remate pulsional. Nesse caso, de que sujeito se trata?

Quando ele [Freud] fala dessas duas pulsões [*Schaulust* e sadomasoquismo], (...) ele se aterá a marcar que não há dois tempos nessas pulsões, mas três. É preciso distinguir o retorno em circuito da pulsão disso que aparece — mas também pode *não aparecer* — num terceiro tempo. A saber, o aparecimento de *ein neues Subjekt* [um novo sujeito] que é preciso entender assim — não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no momento em que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição ao nível do outro que pode ser realizado o que concerne à função da pulsão. (p.166; ed. bras.: p. 169)

Lacan aqui comenta de maneira esmiuçada o texto de Freud, o qual situa três tempos na pulsão (sadomasoquista): um primeiro ativo indo em direção a um objeto externo, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio, e um terceiro, dito passivo, onde a pessoa concernida se faz ela mesma o objeto de um outro, esse famoso *novo sujeito*.

Isto merece um comentário, pois esse novo sujeito, surgindo no remate pulsional, me parece ter ficado inaudível — e com ele uma boa parte da teoria lacaniana da pulsão. Minha opinião é que nós deveríamos poder vê-lo surgir na clínica do caso Anaelle.

O jogo extremamente penoso, descrito no fragmento dessa sessão, parece contudo ter inscrito alguma coisa, pois as sessões

seguintes farão aparecer a *montagem pulsional* propriamente dita, sob sua forma completa.¹⁰

Durante a interrupção de quinze dias, devido às férias, estudei com afinco as questões concernentes à pulsão. No retorno, Anaëlle chega e anuncia: “bu bo” (belo?). Tendo nomeado o “bu”, ela se deita novamente de costas e fica olhando-o fixamente. No momento em que me pergunto sobre o laço autista que ela estabelece de novo com este objeto, Anaëlle me olha, e tenta mais uma vez quebrar o “bu”, mas rindo como uma criança que faz traquinagem. Ela termina a sessão pelo que chamarei de *um grande circuito pulsional*. Tratar-se-á para Anaëlle de ir *se fazer proibir, se fazer apanhar*, pelo seu analista a quem ela tenta afanar objetos preciosos colocados sobre a escrivaninha, enquanto a ouvimos enunciar claramente “não-não” (*pas-pas*).

A mesma montagem (se a palavra se presta a isso) se repetirá nas sessões seguintes. Um pouco mais tarde, ela declara entrando: “ca* bu, pa pa pa”, e ela encena o enunciado proferido vindo na minha frente, rindo, tentar quebrar o “bu” com a intenção de *se fazer ver*, e de *se fazer* escutar dizer para não quebrar o “bu” (quebrar bu não não não); enfim de *se fazer* arrebatado — a série de *se fazer* podendo prosseguir — tudo isto num riso compartilhado com sua mãe, diante das provocações desta pequena traquina. Me parece que estamos diante de uma satisfação pulsional evidente. Mas QUEM é o sujeito da pulsão? Para tentar responder isso, lembremos que Lacan sustentou sua noção de *surgimento do sujeito da pulsão* no que Freud denomina de “novo sujeito” que surge no terceiro tempo do remate pulsional.

Tentemos retomar no nosso material clínico os três tempos do circuito pulsional, tal como Freud postulou. Num primeiro tempo, vemos Anaëlle (acerca da qual nos perguntamos se ela é um sujeito já advindo, no sentido lacaniano do termo) ir em direção a um objeto do mundo exterior e apoderar-se dele. É o que ela faz em

* *Ca* é a primeira sílaba de *casser*: quebrar. *Bu* é homófono a *bout* em francês, o qual significa pedaço, ponta. (N. da A.)

CIRCUITO PULSIONAL

particular com o “bu”. Mas vemos rapidamente como este objeto torna-se mais que auto-erótico, como ele torna-se autístico. Isto porque sob o império do sistema *Lust Ich*, ele vai ser de tal maneira incorporado que vai se tornar uma parte do corpo próprio.¹¹

Por esse sistema de incorporação, estaremos confrontados a uma situação que corresponde ao segundo tempo do circuito descrito por Freud, aquele do *retorno sobre a própria pessoa*, quando é uma parte do corpo próprio que é tomada como objeto. Mas vemos também que quando as coisas se bloqueiam neste segundo tempo, nos encontramos de fato num sistema que não é mais o pulsional propriamente falando, mas que corresponde antes ao sistema *Lust Ich-Real Ich*.

Entretanto, veremos em Anaëlle o remate pulsional se completar : um “novo sujeito” vai surgir para o qual Anaëlle vai se fazer objeto, ao qual ela vai *se assujeitar*. Eu farei aqui a seguinte hipótese: é nesse assujeitamento — se fazer objeto — que uma dada criança vai poder ascender ao campo do Outro, onde ela poderá então advir, estando assujeitada aos seus significantes.

Mas o que é esse novo sujeito?

Lacan lhe atribui de início o caráter de primeiro a advir, pois ele insiste em vários momentos sobre o fato que não existe, antes desse terceiro tempo, o sujeito da pulsão. Antes de seu remate, a pulsão se manifesta, diz ele, “sob o modo de um sujeito acéfalo” (op. cit. p. 165; ed. bras.: p. 171).

Mas de qual Outro Lacan fala aí ? Ah! do *Outro real*, diz ele.

O que é que esse breve sobrevôo nos revela? *Não parece que (...) a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro?*. (P.178; ed. bras.: p. 185)

Eis o sujeito se constituindo no campo do significante, rearticulado com a questão da pulsão.

Desse novo sujeito, ele dirá em seguida que é propriamente o outro. Vimos portanto (op. cit. p. 177; ed. bras.: p. 183) que o próprio Lacan (1964) articula esse *outro* diante do qual o ***Ich*** vai vir se assujeitar, se fazer objeto, e esse Outro, lugar do tesouro dos significantes, no campo do qual vai se constituir o sujeito do inconsciente.¹² A esse Outro que se apresenta ao mesmo tempo como sustentado por um pequeno outro, um semelhante, Lacan dá o nome de *Outro real*. Ele já tinha trazido isso no seu Seminário do ano anterior (*A Angústia*): O *Outro real*, o Outro primordial, aquele que é freqüentemente encarnado pelos pais, e mesmo a mãe, deve ter esse duplo papel: de ser ao mesmo tempo o Outro — lugar do tesouro dos significantes — e ao mesmo tempo o outro, o pequeno outro da relação intersubjetiva.

Vemos que através da sua teoria das pulsões, Lacan propõe redobrar a questão do surgimento do sujeito (do inconsciente) — no campo do *Outro* na sua ligação com o significante — com aquela do assujeitamento ao *Outro real*, quer dizer, ao mesmo tempo Outro e pequeno outro, desdobramento necessário para que se possa falar de seu desejo ou de seu gozo. Tendo tido que ocupar esse lugar, posso dizer que ele comporta alguma coisa desta ordem.

Creio poder afirmar que a instauração do terceiro tempo do remate pulsional instaura a alienação na sua dimensão real. É nesse terceiro tempo que o ***Ich*** se faz objeto para um novo sujeito, e é nesse assujeitamento do ***Ich*** que se vê surgir o sujeito, que não é ***Ich*** mas o *outro*. Alienação real, já que, eis que o sujeito do meu circuito pulsional não é Eu¹³ mas o outro. Esta alienação real vem se enodar à alienação simbólica, que se sustenta no fato de que, quando Eu falo, é pelos significantes do Outro e portanto numa alienação inevitável. Enfim o assujeitamento a este outro da pulsão visa dar ao ***Ich*** um corpo, através do enodação possível com a dimensão, imaginária desta vez, da alienação da qual falamos na

CIRCUITO PULSIONAL

primeira parte desse texto: aquela que se efetua no reconhecimento de seu eu através da imagem especular de seu semelhante.

Parece-me agora possível fazer a hipótese de um fracasso, nos autistas, do tempo de *alienação* da constituição do sujeito; e isso, entre outros, pela impossibilidade ou a recusa do remate do terceiro tempo do percurso pulsional — tempo onde o *Ich* se faz objeto de um novo sujeito. Esta hipótese poderia certamente dar conta do fato que se constata às vezes neles uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num *Outro simbólico-puro código*, sem poder se articular a um *Outro real* que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estágio do espelho e à constituição de um eu e à alienação imaginária que esta instância comporta.

Notas

- ¹ Fazemos aqui uma referência particular aos trabalhos americanos como os de Selma Freiberg, acerca dos quais falamos mais detalhadamente no artigo: *Il n'y a pas d'absence s'il n'y a déjà présence. Du rôle fondateur du regard de l'Autre*. In *La psychanalyse de l'enfant*, N° 10. Paris: Ed. de l'Association Freudienne, 1991. (N. da A.)
- ² Sabemos que a noção de presença em Lacan vem diretamente da de Sartre, em *O Ser e o Nada*. Deixaremos de lado aqui as críticas que Lacan pôde fazer mais tarde à relação puramente intersubjetiva entre “*olhante*” (que olha) e “*olhado*”, relação com caráter simétrico; para aí introduzir caráter radicalmente dissimétrico, *odd*, desta situação onde a criança não é confrontada unicamente com os pais enquanto outro, semelhante, mas também na sua dimensão de grande Outro. (N. da A.)
- ³ Lacan emprega este espelho para tratar duas questões que não se superpõe necessariamente. Em certos casos, o espelho plano não mais representará simplesmente o espelho do Estádio do espelho, mas um *espelho sem reflexo*, quer

dizer a representação do olhar do grande Outro. Isso está muito claro no *Seminário 8, A Transferência*, com a retomada que faz aí do esquema óptico (p. 402 e seguintes, especialmente p. 412; ed. bras.: p. 334 e ss. , especialmente pp. 342-343). (N. da A.)

⁴ O conjunto i (a) + a representa o objeto real (corpo real) + a imagem real. (N. da A.)

⁵ Isso se acha também em Lacan que na introdução à edição inglesa do *Seminário 11*, diz textualmente que não existe objeto senão do lado do *a*, objeto de investimento libidinal. (N. da A.)

⁶ Esta presença lógica do olhar, permitindo receber a voz, foi sugerida em nosso trabalho junto com G. Balbo, J. Bergés e H. Guilyardi; uma tal hipótese tem o interesse de dar conta da surdez subjetiva das crianças autistas nas quais constatamos também uma não instauração da relação especular. (N. da A.)

⁷ No sentido de dificuldade na trajetória aferente das vias nervosas (que envia da periferia em direção ao centro). (N. do R.)

⁸ A respeito das articulações que se seguem, ver LAZNIK, M.-C., Por uma teoria lacaniana das Pulsões, neste volume. (N. dos E.)

⁹ *Boire*, que em francês tem a sonorização parecida com *bua*. (N. da T.)

¹⁰ Uma questão merece ser levantada aqui: o que pôde permitir que, contrariamente ao que é habitual quando se retira um objeto desta ordem de uma criança autista, não tenhamos ficado no nível de um puro sofrimento? Sofrimento que de modo geral, não inscreve nada. Ora, aqui a frustração infligida parece introduzir o registro da privação; e não ficaremos surpresos em ver que o objeto vai imediatamente tornar-se simbólico, quer dizer intercambiável. Na sessão seguinte, com efeito, é ela que vai pedir a chave que tinha raivosamente rejeitado, na sessão traumática.

CIRCUITO PULSIONAL

Será que eu anunciei, enquanto agente, o interdito do lugar de meu próprio limite, da minha barra? Foi eu mesma que lhe disse que este objeto não me pertencia, que era de um senhor que tinha me emprestado, e que eu não tinha como substituí-lo por outro. Me parece importante dizer que, diante da aflição atroz desta criança, era-me extremamente penoso ocupar esse lugar de agente; eu mesma me imaginei num dado instante, num arrebatamento de onipotência, procurar em Paris um antiquário onde pudesse comprar uma nova baqueta, para ser capaz de substituir a que ela quebraria, como eu já tinha substituído os óculos que ela tinha quebrado anteriormente. (N. da A.)

¹¹ É preciso evitar aqui traduzir de modo intempestivo *Ich* por *eu*, pois não se trata aí do *eu* em sua condição imaginária, produto do estádio do espelho onde a criança se reconheceria na sua *imagem especular*, neste outro, seu semelhante, e vai então constituir seu eu. Falamos disto na primeira parte. (N. da A.)

¹² Lacan J. *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973, p.172; ed.bras.: p.178: “o sujeito somente é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro”. Isso já sabíamos, o que é novo é juntá-lo com o que acrescenta um pouco mais adiante (p.178: ed. bras.: p. 185), sobre o papel do grande Outro na pulsão: “a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro”. Na mesma página, ele precisa que se trata do Outro real. (N. da A.)

¹³ Traduzimos *moi* como *eu* e *je* como *Eu*. (N. dos E.)

Referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1960-1961). *Le Séminaire, livre VIII, Le Transfert*. Paris: Seuil, 1991. Ed. bras.: *O Seminário, livro 8, A Transferência*. RJ: J.Z.E., 1992.

A VOZ DA SEREIA

_____ (1962-1963). *O Seminário, livro X, A Angústia*.
(inédito)

_____ (1964). *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973. Ed. bras.: *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

SOLLER, Colette. Hors discours: autisme et paranoia. *Les feuillets psychanalytiques du Courtil* n° 2, Bruxelas, Maio 1990.